DANIEL HENRIQUE RODRIGUES

CARMELA

Nota do Autor

Bem, gostaria de dizer que escrever esta história que você tem em mãos não foi algo fácil, como talvez algumas pessoas possam imaginar. Precisei procurar por muita inspiração, um cenário perfeito em que poderia servir de fundo para a história, as personagens perfeitas para um ótimo enredo e claro, pensar um ótimo desenvolvimento para a história. Mas, admito eu que não planejei muito, digamos que não criei muito antes de começar a escrever. Desculpe se soou meio confuso, mas foi a melhor forma que eu encontrei para expressar esse fato. Quando comecei a desenhar o romance, isso em julho do ano passado, acredite que jamais imaginei como seria o seu final e isso foi o que eu mais gostei. Gostei do que a história pôde se transformar e até mesmo me surpreendi com ela.

De princípio eu planejei escrever esta obra com um colega meu, da universidade, Hernani Piran. Chegamos

a pensar a história juntos e até mesmo descrever certos personagens, como a protagonista. Porém, não pôde continuar por uma questão de ausência de tempo. Ele pensou o primeiro capítulo e até chegou a fazer um esboço, mas não a desenvolver, e logo se tornou um trabalho meu. Quero agradecer a ele, Hernani Piran, que pensou um início da história junto a mim, o que me ajudou a desenvolver todo o restante.

Quem pensou o nome da própria história e da personagem fui eu, algo que veio sobre a minha cabeça. Tinha que ser “Carmela”. Porém não contava com uma coisa interessante nesse fato. Por pura coincidência, bem depois, descobri que existiu um autor do Modernismo brasileiro chamado Antônio de Alcântara Machado, que teria publicado um livro de contos no ano de 1927, chamado “Brás, Bexiga e Barra Funda”. Nesse mesmo livro encontra-se um conto denominado “Carmela” e a própria personagem. Eu nem mesmo imaginava a existência desse fato na época. Foi por pura coincidência que me fez querer ler e conhecer essa pequena história, o que eu garanto a vocês que não tem

nada a ver com esta que você tem em mãos. Apenas pensei que esta pudesse ser uma informação que poderia lhes interessar.

Sinceramente, espero que vocês gostem. Acredito que alguns de vocês irão se frustrar com a história, no decorrer do romance, mas quanto a isso não poderei fazer nada, a não ser pedir que continuem até o fim. Espero críticas.

Daniel Henrique Rodrigues

Índice

Cap. I	06	Cap. XX	175
Cap. II	12	Cap. XXI	193
Cap. III	22	Cap. XXII	210
Cap. IV	39	Cap. XXIII	222
Cap. V	47	Cap. XXIV	231
Cap. VI	62	Cap. XXV	243
Cap. VII	68	Cap. XXVI	247
Cap. VIII	77	Cap. XXVII	256
Cap. IX	84	Cap. XXVIII	265
Cap. X	90	Cap. XXIX	272
Cap. XI	99	Cap. XXX	281
Cap. XII	108	Cap. XXXI	292
Cap. XIII	118	Cap. XXXII	296
Cap. XIV	126	Cap. XXXIII	304
Cap. XV	132	Cap. XXXIV	307
Cap. XVI	140	Cap. XXXV	314
Cap. XVII	153	Cap. XXXVI	318
Cap. XVIII	160	Cap. XXXVII	330
Cap. XIX	165	Cap. XXXVIII	335

Capítulo I

“Tempestade, calma e trovoadas”

Seu nome era Carmela, mais conhecida como Furacão do Centro-Oeste, pois desde criança apresentava um temperamento bastante contestador, a menina dos “por quê”. Por ser dona de um espírito devastador, deixava destroços por onde passava, mas que também eram construtivos, pois fazia com que surgissem muitas dúvidas. Isso a tornava uma menina forte, característica que levaria consigo para o resto da vida.

Carmela tinha a aparência de ser uma mulher um tanto magra, que usava óculos que tinham as bordas arredondadas, cabelos longos e encaracolados, pele negra e um olhar bastante profundo, como se conseguisse enxergar o além-mundo, um olhar que alguém jamais viu em outro alguém. Cresceu no faroeste sul-mato-grossense, onde a vida era repleta de solavancos dentro do campo político, permeado por coronelistas autoritários. Oriunda de uma família de

baixa renda e estrutura, porém, o que nunca a impediu de ter vontade de crescer culturalmente, já que passava as suas tardes de infância na biblioteca da cidade na medida que ela podia. Era a caçula de seis filhos.

Na escola era apaixonada pelas aulas e também pelo professor Raul, que levava a ela a teoria crítica e compactuava com algumas de suas ideias, e, para além disso, a ensinava a ler o mundo pela palavra. Porém, sua infância na escola não havia sido apenas flores. Por diversos anos fora reprimida por professores, e em casa não era diferente, já que apanhava e ficava de castigo quase diariamente. Quase correu o risco de ter de abandonar os estudos após o término do primário para começar a trabalhar, que só não fez por birra e por ter conseguido convencer os pais a continuar estudando.

Desde pequena carregava o sonho que um dia poderia fazer algo para mudar o mundo, e pensava isso, em querer transformar. Queria ser professora, porém, teve sempre a sua mãe contrária às suas ideias. Ser professora não daria futuro a ela, e se fosse por conta da

velha a menina já estaria na labuta da vida, mas quem disse que Carmela se importava com isso?

Porém, a cidade que vivia era meio problemática, a final, a vida cultural não existia, fazia falta, uma ausência total de estrutura quanto a isso. Crianças como Carmela nunca haviam ouvido falar em cinema, teatro, museu e em arte. Lá não tinha nada, a não ser uma velha galeria que mostrava fotos antigas da cidade. Também não tinha a faculdade que Carmela tanto sonhava. Ela sabia, que mais cedo ou mais tarde, se realmente quisesse seguir e realizar o seu grande sonho, teria que sair de lá e ir para uma cidade maior, ou pelo menos que tivesse as condições materiais de que precisava para isso. Evitada de falar tal coisa com os pais, a final, dariam pouca bola à menina e iria ficar por meia dúzia. A única coisa que fez, para agradar um pouco os soberanos e tirar algum dinheiro, foi trabalhar por quase dois anos num mercadinho, vivendo dos trocados que conseguia, conciliando estudo e trabalho.

Quando havia concluído todo o seu ensino médio, vendo que não havia mais o que fazer por lá, com um

aperto em seu coração e com os olhos cheios de lágrimas, chegou em sua mãe, deu um forte abraço e falou:

— Agora eu tenho que ir! Eu vou para a cidade grande.

Claro que com isso ocorreu um choque. Sua mãe chorava, ficava em prantos e não se aguentava. Como Carmela viveria só? Com que ela iria comer? Como iria se virar? Ela implorava, implorava para a filha: “fique, aqui é o seu lugar”! Todavia a menina sabia que não tinha outro jeito, que precisava fazer isso. Realmente seria difícil. As malas foram feitas numa constante tempestade de verão, com direito a raios, chuva fraca, calmaria e trovoadas, nada mais do que se pode esperar de uma mãe que amava sua filha, do mais fundo do seu coração.

Já seu pai pouco se manifestava. Chegava em casa e ia direto para o sofá, pretendendo não ser tão percebido, mas Carmela sabia que aquilo não passava de um velho embrutecido que apenas não queria ser notado por medo do sentimento. Chegava nele e dava um forte abraço, e ele apenas correspondia, mas com um

abraço pouco apertado, como se estivesse já perdendo as forças. Enquanto a abraçava os seus olhos apenas vigiavam para o horizonte perdido no meio do vazio. Aqueles olhos cheios de rugas que já haviam visto de tudo um pouco.

Seus outros irmãos, todos eles homens e mais velhos, apenas a invejavam pela sua sorte. O primogênito deles havia tido uma responsabilidade tremenda, cuidando dos mais novos, ajudando a mãe nos deveres da casa e trabalhando arduamente desde o dia que havia aprendido a engatinhar. Com os outros em seguida não havia sido muito diferente. Alguns deles casaram, tiveram filhos e foram obrigados a aceitar o que vinha pela frente, desde carpir roça, varrer calçada ou trabalhar em vendas de esquina. Outros tiveram alguma sorte e ganharam uma vida média. Com Carmela a situação pegava diferente. Carmela havia nascido com as nádegas viradas para a lua.

Enfim, havia chegado o grande dia! As malas já haviam sendo preparadas desde a aurora. Tudo quanto era tipo de roupa, todas dentro de lençóis amarrados.

Carmela ia, ia rumo a um mundo novo para ela, onde tomaria contato com outras coisas e criaria relações com pessoas além daquela pequena cidade que vivia. Ela sentia sede, sede de conhecer o mundo longe dali e sentir o seu chão que ainda não havia pisado.

Durante a despedida, após fortes beijos e abraços em seus pais, sorriu ao perceber que uma multidão se exaltava do outro lado da rua. Eram os seus amigos que a haviam acompanhado desde a infância. Eram eles crianças, jovens esperanças e quase adultos, chinelos nos pés, roupas velhas e alguns despidos das vestes de cima. Um entre seus irmãos estavam juntos, já outros preferiram não estar lá. Acenavam para ela e pulavam, jogando os braços para o alto, e ela correspondia. O tempo corria e nisso o seu pai a alertava.

– Minha filha, o trem está para partir.

Carmela entrou levando a mala e a blusa na cintura, feito saia. Passou pelas pessoas, muita gente, todos viajantes, até que encontrou um lugar na janela. Mal pôde se acomodar e o trem já começara a andar. Sua mãe chorava, quase desmaiando na estação. Enquanto

isso os seus amigos corriam para a alcançar o trem, acenando para Carmela, e ela correspondendo dentro do vagão. Até que num instante tudo aquilo se perdeu no horizonte e ela só conseguia ver os trilhos da locomotiva pela janela e a vegetação que o cercava. A partir daí numa nova fase da vida se encontrava.

Capítulo II

“Malas perdidas”

Carmela havia passado um bom período de sua vida distante de sua cidade de origem, na cidade grande. Lá foi onde entrou para a faculdade. Durante esse período fez amizades, conheceu o cinema, o teatro e os museus. Entrou para o time de vôlei da faculdade, participou de sua vida política e criou um clube de poesias. Um tempo muito bem aproveitado.

Porém, durante esse período recebeu uma carta de uma funerária, que dizia que seus pais haviam falecido, o que não era esperado. Isso lhe causava uma tristeza.